

Adrien Candiard

CARTA A FILÉMON

Reflexões sobre a liberdade cristã

2.^a edição



EDITORIAL AO

Título original

À Philémon – Réflexions sur la liberté chrétienne

© Les Éditions du Cerf, 2019

ISBN 978-2-204-13072-1

Tradução

Manuel Losa, sj

Capa

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito Legal

530159/24

ISBN

978-972-39-0981-4

1.^a edição

Setembro de 2021

2.^a edição

Abril de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

*A Athanase Vignon,
porque somente a amizade evangeliza.*

Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade.
2 Coríntios 3, 17

Introdução

Toda a gente sabe: em questões de moral, recorre-se aos padres. Com ar grave, tom compassivo mas olho acusador, com palavras abstratas e vagamente inquietantes, eles explicam-vos como viver, com as certezas que só os que não conhecem nada da vida podem possuir. Dizem-vos como amar, o que é preciso fazer, o que se deve pensar, em que se deve acreditar, sem ter, aparentemente, a menor ideia da mescla assombrosa de urgências, invejas, fadigas, convicções, necessidades, fantasias, desejos, inibições, tentações, apegos, ambições e reflexos que constitui uma vida concreta. Tem tudo um ar tão simples, quando dizem: «É preciso». É tudo tão complicado, quando vos esforçais por viver.

Não pretendo, por solidariedade corporativista, declarar-me contra esta ideia feita acerca dos padres. Não há dúvida de que nos sucede a todos, mais ou menos gravemente e de modo mais ou menos ridículo, assemelhar-mo-nos, um dia ou outro, a este espantalho. Isso não desculpa nada, mas as pessoas não fazem ideia da frequência com que nos são pedidas estas lições de moral. É o jovem católico praticante que se interroga sobre como viver bem o seu desejo de amar; é o quarentão *New Age* encontrado

a pedir boleia e que se questiona sobre o futuro da sua carreira; o recém-reformado a treinar, desde há pouco, a arte de ser avô; a mãe de família a fazer malabarismos, o melhor que pode, entre a família e o trabalho, os rostos daqueles que, alguma vez, duma ou doutra forma, me perguntaram como *deviam* viver. Inúmeros casos, e variados. Não são, de maneira nenhuma, neuróticos devorados pela angústia. Crentes ou não, são simplesmente gente boa, pessoas dignas de estima que se esforçam por viver bem, por agir retamente e que, para isso, se debatem o melhor que podem com o grande bazar contraditório da sua vida. Tentando pôr alguma ordem em tudo isso, esforçam-se por fazer reentrar o real complicado em categorias simples: o que é permitido, o que é proibido, o obrigatório. Esperam, assim, não se enganar, não proceder demasiado mal ou não causar demasiado mal à sua volta. E pensam encontrar na Igreja, considerando que ela as dispensa, oportuna e inoportunamente, estas lições de moral, de que esperam haurir um pouco de amparo. Então, perguntam: Que é permitido? Que é proibido?

Este cuidado de agir bem, a maior parte das vezes, mexe comigo. Mas também me apanha desprevenido. Porque, no fundo, não tenho grande coisa a responder a essas questões. A fé cristã que, por meio de mim, vêm interrogar, teria, contudo, muito a dizer sobre os temas que os ocupam – sobre o amor, o mal, o perdão, a sexualidade, a política, o compromisso, o sofrimento... –, mas é nitidamente menos loquaz quando se busca uma lista de interdições e de obrigações. Quando me interrogam nestes termos, eu, o

profissional da palavra, balbucio e enterro-me. Não é disso que eu queria falar. O que me habita, o que me interessa, aquilo pelo qual quero dar a vida é a salvação oferecida por Jesus Cristo, é a vida eterna, que nos é dada a viver de imediato, é a liberdade dos filhos de Deus. Apetece-me responder, com São Paulo: «Tudo é permitido!». Tenho vontade de gritar, com Paul Claudel: «Felizmente, há Jesus Cristo, que nos libertou da moral!».

Se não sei bem como dizer tudo isso, nesses momentos, é também porque há outra coisa que eu gostaria de dizer, mais grave, mais triste. Dizer que se, por vezes, a Igreja falhou tão gravemente na sua missão, se clérigos puderam destruir vidas, como os jornais agora o recordam todos os dias, isso não se deve unicamente à ação de alguns tarados criminosos de quem tenho a maior dificuldade em me sentir, de algum modo, solidário. Também é resultado de todas as situações em que nós (e desta vez tenho de assumir a minha parte) não soubemos engrandecer a liberdade daqueles que vinham pedir a nossa ajuda, todas as vezes em que julgámos mais simples recordar a lei, em vez de convidar a seguir o Espírito, todas as ocasiões em que entrámos na consciência de outrem, a fim de aí impor a nossa certeza. Estes abusos invisíveis, sei que são irmãos dos outros abusos, dos abusos que fazem os grandes títulos. Tenho vergonha de pensar nisso. E isso não me ajuda a falar.

Em geral, o meu interlocutor, que veio em busca de uma regra para seguir, é paciente perante o discurso confuso que eu balbucio diante dele. É bem-educado.

Aprova-me, sorri, meneia a cabeça enquanto eu falo de liberdade e de consciência; agradece-me, por vezes, por estas propostas tão esclarecedoras. Mas, muito rapidamente, volta ao assunto que o preocupa: «E, então, afinal, posso ou não?».

É preciso acreditar que a liberdade cristã é demasiado nova e demasiado revolucionária para ser recebida e mesmo simplesmente entendida em alguns minutos, precisamente por aqueles a quem ela se dirige. No entanto, não há nada mais urgente a dizer aos cristãos de hoje. Eis a razão pela qual empreendi escrever este livrinho, esperando ultrapassar, desta vez, o estado dos balbuciantos.

Felizmente, não sou o primeiro a tentar falar do assunto. Existe mesmo um livro inteiro da Bíblia, no Novo Testamento, que é consagrado à questão da liberdade cristã, a liberdade autêntica e profunda. Aliás, não é muito longo: 25 versículos, uma página ou duas, segundo as edições. É um dos livros mais curtos da Bíblia. Um livro curto, sobre uma questão tão essencial: deveria ser muito conhecido, lido por todos os cristãos, citado em todas as homilias, colocado em cima de todas as mesinhas de cabeceira, explicado na catequese. Em vez disso, fica, muito frequentemente, a dormir, com outros tesouros escondidos, entre as páginas raramente abertas comprimidas pelas encadernações empoeiradas das nossas Bíblias. É pena. O objetivo deste meu opúsculo é, pois, fazer com que seja lido outro: a epístola de São Paulo a Filémon.

Trata-se, com efeito, duma carta (por vezes, diz-se uma «epístola», que não é mais do que uma palavra que vem do latim para dizer «carta»), enviada pelo apóstolo Paulo ao seu amigo Filémon. Estamos nos começos dos anos cinquenta do século primeiro, aproximadamente vinte anos depois da morte e ressurreição de Jesus. Paulo é um judeu que não conheceu Jesus e que, ouvindo falar das primeiras comunidades cristãs, começou por as perseguir, antes de se tornar, após a sua conversão, um cristão entusiasta, um fundador de comunidades, um viajante infatigável para anunciar a Palavra de Cristo. Quando escreve esta carta a Filémon já é uma autoridade reconhecida pelos cristãos, nomeadamente pelos da Ásia Menor, na atual Turquia. Ele próprio fundou Igrejas e morou vários anos em Éfeso, uma das grandes cidades da região. Foi lá, certamente, que conheceu Filémon, cidadão de Colossos, uma cidade vizinha. Foi graças a Paulo, aos seus discursos inflamados, à sua personalidade marcante, à sua maneira de falar de Cristo pelas suas palavras e pelos seus atos que Filémon se tornou cristão. Foi, sem dúvida, Paulo quem o batizou. É provável que a sua esposa Ápia, e talvez o seu filho Arquipo, se tenham tornado cristãos ao mesmo tempo que ele ou pouco depois. Posteriormente, Filémon regressou à sua terra, a Colossos, onde era um membro ativo da pequena comunidade cristã. Nesses tempos, em que o Império Romano começa a desconfiar dos cristãos, que começa a perseguir aqui e ali, não existem igrejas: é na casa de Filémon, que provavelmente possui alguns recursos, que os cristãos de

Colossos se reúnem. Paulo e Filémon permanecem amigos, mas não voltam a ver-se; portanto, escrevem um ao outro, sem dúvida várias cartas, mas não conservámos mais que uma única.

A carta de Paulo a Filémon conservada na Bíblia, último testemunho duma amizade radicada em Cristo, é escrita numa situação delicada, da qual, infelizmente, não conhecemos todos os pormenores. Conto, aqui, o mais provável, deixando os debates de especialistas a livros mais eruditos. Paulo está na prisão: a sua atividade de pregador duma religião nova começa a inquietar as autoridades. É, muitas vezes, expulso, flagelado em público ou metido na prisão. Por exemplo, em Éfeso, cidade que atrai numerosos peregrinos por causa do seu templo dedicado à deusa Ártemis, os comerciantes de recordações para turistas receiam pela rentabilidade da sua atividade: se as pessoas se tornam cristãs, quem comprará as suas bugigangas? Por conseguinte, que alguém lhes dê segurança: todos aqueles que já foram a Lourdes sabem que os seus descendentes longínquos saberão adaptar-se, sem dificuldade, à religião cristã. Mas eles não o sabem e unem-se contra Paulo. Sem dúvida, é precisamente em Éfeso que Paulo é, então, metido na prisão. Um cativo certamente rude, mas onde ele não está isolado: tem numerosos amigos na cidade e pode receber visitas.

Um dia, um visitante inesperado veio encontrar-se com ele na prisão: Onésimo, um escravo de Filémon. Porque Filémon tinha escravos. Isso parece-nos, com razão, revoltante e inaceitável, mas Filémon é um homem

da Antiguidade, que acha isso perfeitamente normal, como todos os seus compatriotas, como, por exemplo, os filósofos gregos que mais admiramos. Enfim, quase todos os seus contemporâneos: Onésimo, esse não tem ar de gostar muito da escravidão. Não escreve um manifesto a favor da abolição da escravatura (que saibamos, ninguém o escreveu naquela época), mas faz melhor: foge da casa do patrão. Sem dúvida, além disso, deita mão a algum do dinheiro pertencente a Filémon, agravando o seu caso. Importa salientar que ele precisa mesmo do dinheiro: no Império Romano, a vida dum escravo em fuga é um jogo perigoso de esconde-esconde, em que aquele que é capturado arrisca punições duma extrema crueldade, indo até à pena de morte na cruz. Onésimo em fuga tem de se interrogar sobre onde encontrar refúgio, com certa inquietação, até ter a ideia do século. Certamente conheceu Paulo na altura em que o seu patrão se tornou cristão. Ouviu-o falar de amor fraterno, de caridade, de misericórdia; viu nele um homem bom, cujos atos sintonizavam com os discursos; sem dúvida, também notou, pois não era estúpido, que Paulo podia ter certa influência sobre Filémon. Então, nem uma, nem duas, o escravo em fuga dirige-se a Éfeso, em busca de Paulo, que encontra na prisão.

Começa por lhe contar a sua história, as suas desgraças de escravo – porque mesmo que o patrão seja bom, uma vida de escravo nunca é invejável. De prisioneiro a escravo, certamente que os dois homens se compreendem. Ligam-se por laços de amizade, por sua vez. Onésimo,

cujo nome, em grego, significa «útil», presta serviços a Paulo, melhorando de maneira apreciável a dureza da sua detenção; quanto a Paulo, dá a Onésimo a única coisa que tem para dar: fala-lhe de Jesus. Fala-lhe do amor de Deus, da salvação, da vida eterna. E eis que Onésimo descobre, pouco a pouco, que existe uma libertação muito maior, muito mais profunda, também muito mais jubilosa do que a que adquiriu deixando a casa do seu proprietário. Um belo dia, pede a Paulo para ser, também ele, mergulhado nessa vida de Cristo, pelo batismo. Traz-se um pouco de água para a prisão de Paulo e, ali, numa cela imunda onde Onésimo pôde entrar, bem longe das nossas igrejas e dos nossos odores de incenso, o escravo é batizado pelo detido.

Mas, nos dias seguintes, os dois homens falam sobre o futuro. A situação de Onésimo é frágil. Éfeso não fica longe de Colossos. Ele corre o risco de, a qualquer momento, ser reconhecido, detido, castigado, talvez condenado à morte. Seria necessário partir para mais longe, mas uma vida de fugitivo não é melhor que uma vida de escravo. Contudo, existe outra solução, a mais simples: Onésimo poderia regressar à casa do seu patrão. Ambos concordam que esta é a melhor saída. Com coragem, Onésimo retoma a estrada de Colossos, munido duma diminuta proteção face à cólera de Filémon – cólera legal, cólera apoiada por todo o poderio do Império Romano: uma pequena carta escrita pela mão de Paulo, dirigindo-se ao seu amigo. Eis aqui o texto completo:

Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, ao amado Filémon, nosso colaborador, e a Ápia, nossa irmã, e a Arquipo, nosso companheiro de armas, e à Igreja que se reúne em tua casa: graça e paz a vós da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Dou sempre graças ao meu Deus, ao fazer memória de ti nas minhas orações, por saber da tua caridade e da fé que manifestas para com o Senhor Jesus e para com todos os santos. Que a comunicação da tua fé se mostre eficaz e faça conhecer todo o bem que se realiza em nós por Cristo. De facto, tive grande alegria e consolação pela tua caridade, porque os corações dos santos foram confortados por ti, irmão.

Por isso, ainda que eu tenha muita liberdade em Jesus Cristo para te mandar o que convém, prefiro pedir-te por caridade. Eu, Paulo, o velho Paulo, e atualmente até prisioneiro de Jesus Cristo, venho rogar-te por meu filho Onésimo, que gerei nas prisões, o qual outrora te foi inútil, mas agora é muito útil para ti e para mim. De novo to envio, a ele que é como se fosse o meu próprio coração.

Eu quisera retê-lo comigo para que me servisse em teu lugar nestas cadeias, que eu suporto pelo Evangelho; mas, sem o teu consentimento, nada quis fazer, para que a tua boa ação não fosse como que forçada, mas voluntária. Porque talvez ele se apartou de ti por algum tempo, para que tu o recobrasses para sempre, não já como um escravo, mas, muito mais que um escravo, como um irmão caríssimo. Ele fez tudo por mim, quanto mais não fará por ti, não só segundo a carne, mas também segundo o Senhor! Portanto, se me tens por amigo, recebe-o como a mim. Se te fez algum dano ou te deve alguma coisa, passa isso para

a minha conta. Eu, Paulo, escrevi por meu próprio punho: eu pagarei. Não te quero lembrar que és meu devedor e que me deves a tua própria pessoa. Sim, irmão, oxalá consiga eu de ti esta satisfação no Senhor. Conforta o meu coração em Cristo. Escrevi-te estas coisas contando com a tua docilidade, sabendo que farás ainda mais do que aquilo que eu te peço.

Ao mesmo tempo, prepara-me pousada, pois espero que, pelas vossas orações, vos serei restituído. Saúda-te Epafras, que está preso comigo por Cristo Jesus, e igualmente Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores. A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito!

Se esta carta não é mais conhecida, lida, repetida pelos cristãos de hoje é, sem dúvida, porque é lida com demasiada pressa. E, ao lê-la demasiado à pressa, algumas pessoas ficam dececionadas: como é que, perante o escândalo absoluto da escravatura, São Paulo pode não se indignar mais? Por que motivo não ordena a Filémon que, pura e simplesmente, liberte Onésimo, em vez de servir-se de subterfúgios? É certo que a escravatura é uma realidade do mundo antigo, mas é justo, para um cristão da têmpera de São Paulo, capitular sem combater diante deste estado de facto desumano e degradante? É-nos difícil aceitar que, nesta carta, Paulo não tenha tanto a peito a liberdade de Onésimo como a do próprio Filémon. E é por isso que, a este último, fala com clareza, mas também com uma infinita delicadeza.

Mas este modo de agir, de convidar sem obrigar, também faz ranger alguns dentes. Conhecemos esta maneira

de agir, na Igreja. Todos estes «sobretudo, sente-te livre!» que não visam senão culpabilizar-vos, a fim de melhor vos forçar a mão. Sente-te livre, mas sente-te livre de dizer sim. Sente-te livre de fazeres exatamente o que te digo que faças. Será que Paulo, sem nada dizer, não força um pouco a mão de Filémon, para que ele liberte Onésimo? Creio que devemos dar crédito a Paulo: ele diz o que diz, nem mais nem menos. Tomemo-lo simplesmente a sério. Não é tão simples como isso, respeitar a liberdade de Filémon, ajudando-o a ver a verdade. Levá-lo a fazer o bem, sem lho ordenar. Ajudá-lo a tornar-se melhor, não a fazer isto ou aquilo. E é por termos pouca experiência disso que temos dificuldade em reconhecer como Paulo se sai bem.

É preciso dizer que a reputação de Paulo, mesmo entre os cristãos, nem sempre é excelente. Das suas numerosas cartas entradas no cânone do Novo Testamento, os católicos conhecem um mínimo de pequenos extratos muito densos, um pouco áridos, de um estilo complexo e condensado, que são lidos ao domingo na missa, na segunda leitura, mesmo antes do Evangelho: sem elemento de contexto, sem explicação, sem serem retomados, a maior parte das vezes, na homilia do sacerdote (que já tem muito a fazer para explicar o Evangelho), estas pequenas passagens são, a maior parte das vezes, propriamente incompreensíveis. Paulo ficaria, pois, esse ilustre desconhecido que se lê cada semana, sem, no entanto nada se conhecer dele, se não arrastasse, além disso, uma reputação sulfurosa devido a algumas das suas páginas mais célebres. Não é ele o autor da imposição, tão repetida no passado:

«Mulheres, sede submissas aos vossos maridos»? Não tem um caráter excessivo, apaixonado, emotivo até ao extremo, ao jeito dos fanáticos religiosos que nos inquietam tanto, hoje em dia? E não teria ele complicado excessivamente, acrescentando conceitos e dogmas de que ela estava naturalmente privada, a pura e luminosa doutrina de Jesus, este Jesus que ele próprio não conheceu pessoalmente? Não dividia ele já, no seu tempo, as comunidades cristãs que disputavam entre si acerca dele?

E, no entanto, se Deus fala aos homens, não o faz por meio duma voz ou dum escrito caídos do céu. Fala-nos através da vida de homens e mulheres que souberam lançar a sua vida inteira, como ela era, na aliança proposta por Deus; fala-nos mesmo nas dobras da sua personalidade complexa, porque não foi em figuras falsas bem polidas de genros ideais ou de meninas exemplares que eles acolheram Deus, mas em vidas de carne e osso, com as suas emoções, os seus entusiasmos, os seus medos; fala-nos também, como no caso de Paulo e Filémon, pela graça duma amizade verdadeira, que ainda tem muito a dizer-nos.